

UM DOCUMENTO INÉDITO

# TESTAMENTO ANTOLÓGICO DE AQUILINO RIBEIRO

TRATAVA-SE, naturalmente, de um sonho ingénuo de pessoas bem intencionadas. O que se pretendia então (à volta de Julho de 1962) era o surgimento de um tipo diferente de «antologias». Procurava-se que elas fossem um misto de enciclopédia bio-bibliográfica e de levantamento crítico dos escritores portugueses contemporâneos.

Segundo o plano estabelecido, tais antologias haviam de ser organizadas nos termos deste critério: a abrir um estudo ensaístico sobre o respectivo escritor; depois uma tábua bio-bibliográfica; depois ainda um ficheiro de todas as análises críticas que, relativamente a ele, houvessem sido publicadas em jornais e revistas, ou que se encontrassem dispersas em livros e colectâneas; seguidamente um documentário de textos facsimilados e de elementos fotográficos; e finalmente as respostas que o próprio escritor entendesse dar a um determinado questionário, o qual o situasse no tempo e lhe definisse a sua visão do mundo.

A segunda parte de cada volume constituiria a recolha antológica. Mas com uma particularidade importante. Teria de ser o próprio escritor a designar concretamente os textos ou fragmentos que, segundo o seu critério, melhor pudessem revelar as particularidades da sua obra.

Jornais do tempo noticiaram a intenção dos organizadores. E diziam mais: que o primeiro escritor antologado seria Aquilino Ribeiro. O que era, aliás, perfeitamente justificado. A obra do autor de *Jardim das Tormentas*, *Lápidas Partidas*, *Abóboras no Telhado*, *Andam*

*Faunos pelos Bosques* e *A Casa Grande de Romarigães* facultava-lhes a mais eloquente experiência literária dos nossos anos, quer através de um pujante material linguístico, quer do seu portuguesismo, quer de tantas outras coordenadas que o impuseram como um caso verdadeiramente singular.

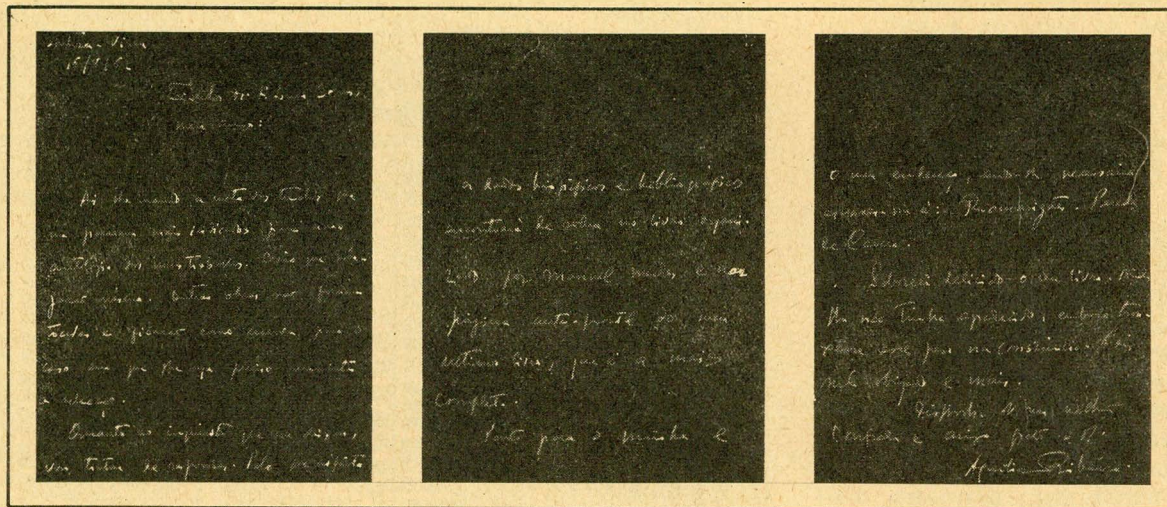
Convidado a ilustrar a projectada colecção de antologias, o autor de *Quando os Lobos Uivam* respondeu com uma carta escrita em 16/8/1962 da sua casa de Soutosa:

*ficos e bibliográficos encontrará de sobra no livro organizado por Manuel Mendes e na página ante-frontal do meu último livro, que é a mais completa.*

*Parto para o Minho e o meu endereço, sendo-lhe necessário escrever-me é: Romarigães — Paredes de Coura.*

*Saboreei deliciado o seu livro. Ainda lho não tinha agradecido, embora trouxesse esse peso na consciência. Pois muito obrigado e mais.*

*Malhadinhas: (a parte em itálico da pág. 161) — Estrada de Santiago: (pág. 271 onde começa: de rota batida até e adormeceu da pág. 278) — Filhas de Babilónia: pág. 152 (onde diz: entrementes até ao fim do cap. II) — No Cavalo de pau com Sancho Pança: pág. 327 (onde começa: nós que somos hispanos até fim da pág. 333) — Cinco Réis de Gente: (cap. III até pág. 43 onde diz: soube mais tarde) — Arcas Encoiradas: pág. 337 (até resto) — Jardim das Tormentas: (a parte final*



*Meu Amigo:*

*Ai lhe mando a nota dos trechos que me parecem mais indicados para uma antologia dos meus trabalhos. Creio que sobejarão mesmo. Outras obras não foram tocadas e ficarão como reserva para o caso em que lhe seja preciso aumentar a selecção.*

*Quanto ao inquérito que me deixou, vou tratar de responder. Pelo que respeita a dados biográ-*

*Disponha do seu velho confrade e amigo grato e obrigado, Aquilino Ribeiro.*

Um apontamento dactilografado (anexo a esta carta) indicava, por fim, os fragmentos que deviam constituir a sua antologia de textos. Assim:

*Frei Bartolomeu dos Mártires: pág. 110 (onde começa: foi depois até ao fim do cap. VIII) — Via Sinuosa: (Cap. III até fim da pág. 76) — O*

*da Pele do bombo) — O Livro do Menino Deus: pág. 175 (até pág. 179 onde diz: chega-lhe o bino) — Os Avós dos nossos Avós: pág. 10 (até fim da pág. 14) — Por Obra e Graça: pág. 193 (onde diz: veio ao mundo até ao fim da pág. 196) — Humildade Gloriosa: (todo o cap. III) — Luís de Camões Fabuloso e Verdadeiro: pág. 12 (onde diz: sempre que até pág. 21 onde diz: verdade local) — Aventura Maravilhosa: pág. 295 (cap. 13 até pág. 295*

## AQUILINO, EM PÉ-DE-PÁGINA *por José Cardoso Pires*

UM ESCRITOR, um velho, está cercado de retábulos, Horácios e Anatoes, poeiras quinhentistas — e de samarra pelas costas. Trabalha de sol a sol, desunha-se na escrita apesar de ter aprendido com os anos os mil e muitos golpes com que se talha uma peça de prosa: aplainada aqui, nós salientes acolá, remates em boa conta, o *quantum satis*. Tem voz rude e lábio sensual, nada de boas maneiras. Além disso é aldeão e (note-se) sem nome de senhoria, coisa que os homens de letras cá da república não perdoam visto que são, eles próprios, noventa por cento da província mas com famílias, rendeiros e prestígio em meninos. Isto é muito importante. Um Pascoais, por exemplo, tem à partida larga vantagem na cidade dos letrados justamente por ser do interior onde tudo é puro, autêntico e etc., e tanto assim que até se lhe respeitam as ideias de querer redimir o país, dividindo-o em Famílias e Casas. É acima de tudo

poeta, e notável, mas lá em Amarante tinha património, nome, laços de influência.

O tal escritor de sol a sol é que não dispunha desse passado para se abonar. Aprendera por cartilhas de padre lapuz, com o *rosa rosae* pelo meio da tabuada e, pois bem, assim que se apanhou fora da aldeia deu as boas noites ao catecismo e à família real e decidiu entregar o corpo ao manifesto. [...] Os caricaturistas desenharam-no então em estilo Malhadinhas: olho sagaz, queixada forte, perfil a traço grosso.

A imagem ficou porque convinha aos preconceitos do intelectualato espiritualista de hoje e ontem Chiado. Aquilino-aldeão, Aquilino-republicano, um emigrante dos campanários serranos que veio procurar abrigo nas capelas literárias de Lisboa regadas a *spray* Gide e Princesse de Clèves. Teria talento, dizia-se; talento instintivo de força simples da natureza, porque para lá disso reticências. Tosco e terra-a-terra. Voz esquecida dos

nómadas (daí a originalidade verbal). Jamais seria capaz de alinhar duas linhas sobre a concepção de uma só página dos seus romances — nem o como nem os porquês. De modo que Aquilino Ribeiro em lugar-comum ficou como um ferreiro de mão feliz que a cada martelada solta estrela ou como um dotado de imaginação que se deita ao papel e sai o que sair (que é como muito boa gente ainda julga que se escrevem histórias e poemas).

Pessoalmente sempre desconfiei do artista-com-cara-de-artista, melhor dizendo, daquele que nos modos, nos óculos e na voz escolhida se anuncia antes da obra. Nunca conheci nenhum realmente grande que correspondesse à previsão que dele se fazia — nem um só. E com Aquilino dava-se o mesmo. O tal homem impetuoso quando em certos momentos sorria desconcertava pelo mar de ternura que lhe iluminava o olhar e então percebíamos por que tinha sido possível esse conto tão

onde diz: *voltou ao quarto*) — *As três mulheres de Sansão*: pág. 111 (onde diz: *o primeiro a ser julgado até à pág. 116 onde diz: ocupou-se*) — *Anastácio da Cunha*: pág. 194 (onde diz: *o inquisidor até à pág. 209 onde diz: em resposta*) — *S. Banaboião*: (cap. VIII até pág. 220 onde diz: *visitou*) — *O servo de Deus*: (todo o cap. 1) — *Andam faunos pelos bosques*: pág. 43 (onde diz: *de Nascente até pág. 49 onde diz: se bem que*) — *Aldeia*: pág. 42 (onde diz: *certa madrugada até pág. 53 onde diz: que se há-de fazer a este troca-tintas?*) — *Uma Luz de Longe*: pág. 227 (cap. XII até pág. 241 onde diz: *eram sempre*) — *O homem que matou o Diabo*: pág. 203 (cap. VIII até onde diz: *ainda o sol*) — *A Batalha sem fim*: (cap. IX até pág. 203 onde diz: *e em voz baixa*) — *Quando ao gavião cai a pena*: pág. 25 (desde onde diz: *as três avuras até pág. 37 onde diz: este quarto*) — e *Terras do Demo*: pág. 92 (onde diz: *seria obra até ao fim deste cap. v*).

Meses depois Aquilino Ribeiro falecia, já em 1963, quando se festejava o seu cinquentenário nas letras portuguesas. Não chegou a responder ao inquérito, cujo questionário lhe fora remetido — e com ele morreu também o projecto daquela colecção de antologias. Todavia ficou esta carta, a qual — escrita, como se vê, já muito nas proximidades da sua morte — ficou a constituir um documento de relevante significado. Ela vale a sua última palavra quanto à estrutura legítima de trechos a seleccionar, por ele considerados os mais característicos da sua obra.

subtil **A Pele do Bombo**. Também o artesão terra-a-terra quando uma vez por outra se decidia a discutir questões de trabalho, o como e o porquê de uma escrita, senhores, era certo e inesperado na argumentação — precioso até, acrescente-se. Direis: ele sabia, ele sabia. Tinha do ofício uma longa experiência, conhecia as linhas e os nós com que se cose uma narrativa. De acordo, assim era. Mas sem citações nem esquemas de empréstimo tinha o condão de levantar sínteses felizes que, dependia do ouvinte, se alargavam pela especulação e iam longe.

Quando (é um exemplo) considerava o ouvido como um dote fundamental do romancista («Fulano tem bom ouvido») não se estava a referir à veracidade, ao verismo dum diálogo mas a um instinto de escritor, a certa música que acompanha a frase, ao ritmo próprio e à métrica pessoal, digamos, de cada prosador. Indo mais longe: àquilo que, feitas as contas, determina a elongação de um estilo e

que dá ao registo do discurso a maior ou menor liberdade de construção, o maior ou menor mecanicismo na ligação dos períodos e na, logo, distribuição dos tempos.

Da mesma forma, ele, tão invejado no lexicon por puristas e académicos, tão «escritor para ler pelo dicionário» (outra imagem-preconceito, esta posta em circulação pelo leitor médio) da mesma forma Aquilino surpreendia pelo calor e concisão com que se queixava desta língua espartilhada que é a nossa. «Dizem que temos uma língua rica», comentava. «É mas é pobre. Tem palavras a mais.»

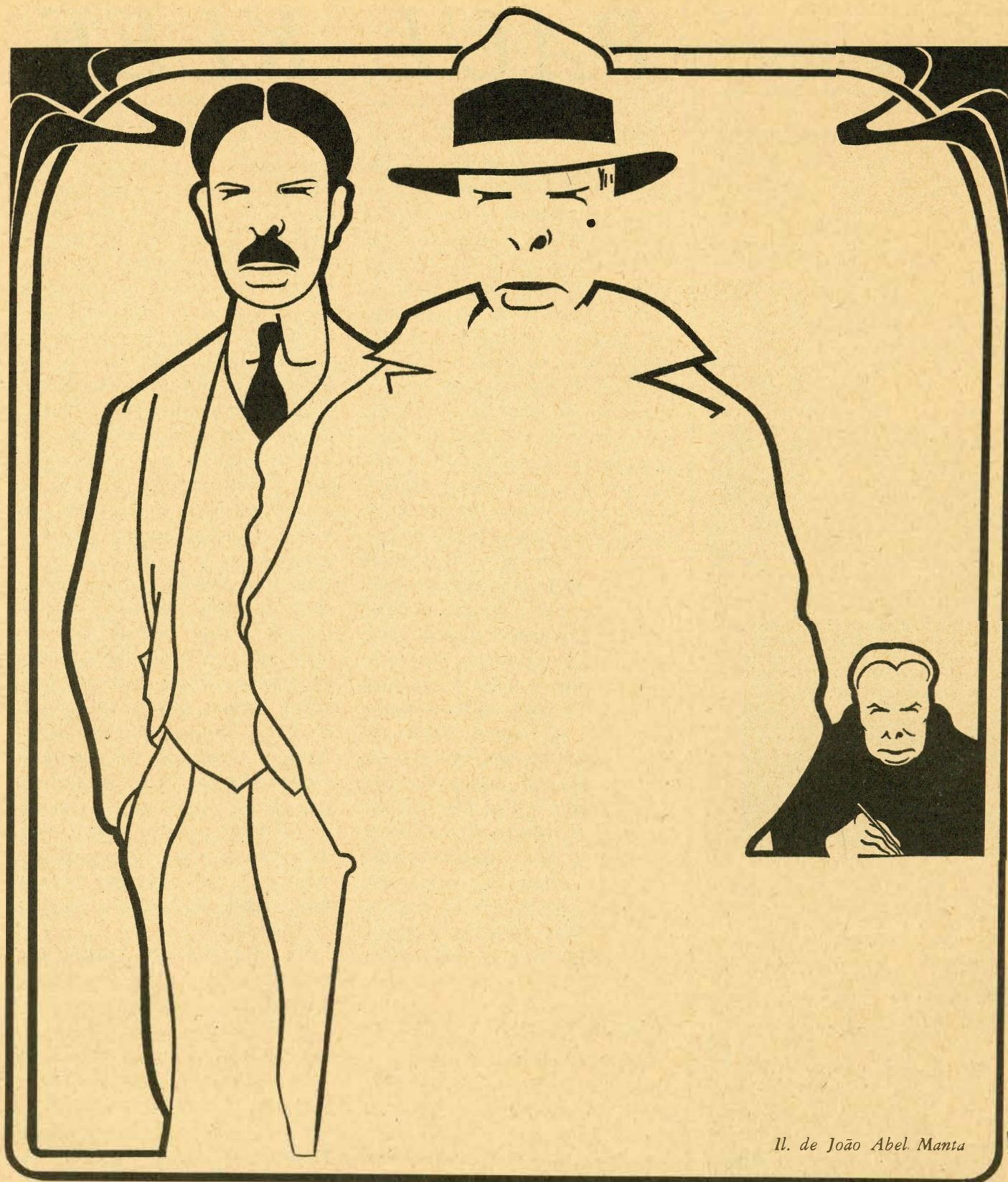
Com isto queria ele pôr-nos em guarda contra essa herança conservada em formol dos Humanistas de Quinhentos, do ensino jesuíta de Seiscentos e do novo classicismo de burguês de Eça de Queirós» (aviso de Óscar Lopes). E não só: levava-nos, se quiséssemos, a repensar os valores semânticos de uma língua que se quer viva, ou a deduzir, como

eu deduzo, que a primeira condição para escrever é saber gramática e que a segunda é esquecê-la.

Mas com tudo isto e muito mais, a imagem divulgada do romancista por mero instinto continua, e vai continuar, graças à velocidade da inércia cultural. Daí esta nota em pé-de-página às futuras longas biografias, quanto mais não seja para moderar um primeiro ímpeto de facilidade de apreciação.

É que, pelo menos isto, se trata de um homem de largas vidas numa só e, como tal, impossível de reduzir a uma unidade simples. Que deixou atrás de si uma das maiores obras da nossa literatura e um romance sem paralelo, **A Casa Grande de Romarigães** quero eu dizer. Que tendo sido chamado à Academia a castigou em letra pública e que, enaltecido como mestre da língua, se queixava dela, seu mais duro cabedal.

Era, numa palavra, um homem de humor. Só isso o fez assumir tantas contradições aparentes e sair delas muito jovem à hora da morte.



Il. de João Abel Manta